



Saúde pública, meio ambiente e drogas: uma análise de vídeos do YouTube sobre a cocaína

Public health, environment and drugs: an analysis of YouTube videos about cocaine

Salud pública, medio ambiente y drogas: análisis de vídeos sobre cocaína en YouTube

Gabriela de Souza Rabello

Mestranda, UFRJ, Brasil
biograbello@gmail.com

Marcus Vinicius Pereira

Professor Doutor, IFRJ, Brasil
marcus.pereira@ifrj.edu.br



RESUMO

Autores defendem que o uso de drogas é intrínseco ao ser humano e afirmam que qualquer política de combate que se baseie na abstinência está fadada ao fracasso. Esse fato, juntamente com o estímulo de uma política não eficaz, culmina no surgimento da Redução de Danos (RD), uma abordagem passível de incorporação nas políticas públicas visando o bem-estar do usuário, assim como diminuição de confrontos. As políticas atuais têm consequências graves, que tornam esse tópico uma questão de saúde pública. Também consequência de políticas proibicionistas, o meio ambiente sofre com plantações clandestinas para financiar um mercado tão lucrativo. As ferramentas audiovisuais têm papel importante na disseminação de informações. Por isso, neste trabalho, analisou-se vídeos do *YouTube* em busca de relacionar questões referentes às drogas, à saúde da população e ao meio ambiente. Os conteúdos dos vídeos analisados reforçam o impacto da ilegalidade na saúde pública e devastação ambiental, agravando problemas sociais. Assim, aumento da necessidade de atendimento médico, desmatamento, contaminação do ecossistema e estratificação social podem ser facilmente observados no cenário investigado.

PALAVRAS-CHAVE: Audiovisual. Drogas. Políticas Públicas.

ABSTRACT

Authors argue that drug use is intrinsic to human beings and claim that any policy based on abstinence is doomed to failure. This fact, together with the stimulus of an ineffective policy, culminates in the emergence of Harm Reduction (HR), an approach that can be incorporated into public policies aimed at the well-being of the user, as well as reducing confrontations. Current policies have serious consequences, which make this topic a public health issue. Also, because of prohibitionist policies, the environment suffers from clandestine plantations to finance such a lucrative market. Audiovisual tools play an important role in disseminating information. That's why this study analyzed YouTube videos to link issues related to drugs, health of the population and the environment. The content of the videos analyzed reinforces the impact of illegality on public health and environmental devastation, aggravating social problems. Thus, increased need for medical care, deforestation, contamination of the ecosystem and social stratification can be easily observed in the scenario investigated.

KEYWORDS: Audiovisual. Drugs. Public Policies.

RESUMEN

Los autores sostienen que el consumo de drogas es intrínseco al ser humano y afirman que cualquier política basada en la abstinencia está condenada al fracaso. Este hecho, junto con el estímulo de una política ineficaz, culmina con el surgimiento de la Reducción de Daños (RD), un enfoque que puede incorporarse a las políticas públicas dirigidas al bienestar del usuario, así como a reducir los enfrentamientos. Las políticas actuales tienen graves consecuencias que hacen de este tema una cuestión de salud pública. También como consecuencia de las políticas prohibicionistas, el medio ambiente sufre las plantaciones clandestinas para financiar un mercado tan lucrativo. Las herramientas audiovisuales desempeñan un papel importante en la difusión de la información. Por eso, este estudio analizó videos de YouTube en un intento de vincular cuestiones relacionadas con las drogas, la salud de la población y el medio ambiente. El contenido de los videos analizados refuerza el impacto de la ilegalidad en la salud pública y la devastación medioambiental, agravando los problemas sociales. Así, el aumento de la necesidad de atención médica, la deforestación, la contaminación del ecosistema y la estratificación social pueden observarse fácilmente en el escenario investigado.

PALABRAS CLAVE: Audiovisual. Drogas. Políticas Públicas.



1 INTRODUÇÃO

Ao explorar os diversos espaços ocupados pela linguagem cinematográfica, Odin (2017) analisa o espaço da comunicação cotidiana, destacando a incorporação da linguagem cinematográfica no dia a dia. O fator decisivo para essa incorporação foi a popularização dos *smartphones*, que permitem a gravação e compartilhamento de vídeos em qualquer lugar e a qualquer momento, algo que antes não era possível. O autor sublinha a importância dessa transformação nas relações interpessoais, referindo-se à interação a distância entre *youtubers* e seus seguidores, que contribui para a crescente difusão da linguagem cinematográfica.

Pereira (2013) argumenta que todos os indivíduos possuem algum tipo de cultura, o que significa que ninguém é passivo em qualquer aspecto de sua vida. Esse protagonismo, quando transposto para o campo audiovisual, desafia o modelo de comunicação unidirecional, pois o repertório cultural de cada pessoa influencia diretamente todos os aspectos de sua existência. Arroio e Giordan (2006) sugerem que esse papel pode ser cultivado por meio da exposição a filmes, promovendo assim o desenvolvimento de um pensamento crítico. Nas últimas décadas, a internet e as redes sociais tornaram-se cada vez mais presentes no dia a dia, levantando preocupações sobre a disseminação de informações infundadas. O *YouTube*, como uma dessas plataformas, oferece fácil acesso a vídeos que abordam o tema das drogas de múltiplas maneiras.

No contexto das drogas, é crucial não apenas fornecer informações precisas, mas também promover uma compreensão social de como as interações em torno dessas substâncias afetam a sociedade. Existem diferentes abordagens para tratar desse tema, como o proibicionismo e a redução de danos (RD). As políticas proibicionistas visam proibir substâncias e punir os usuários, sem considerar o uso histórico e os fatores sociais envolvidos. Em contraste, o movimento antiproibicionista defende a RD, que envolve políticas e práticas destinadas a mitigar os danos causados pelo uso de drogas psicoativas, especialmente entre aqueles que não conseguem ou não desejam interromper o uso.

O termo "drogas" geralmente se refere a substâncias ilícitas, embora existam substâncias lícitas que também provocam mudanças no comportamento e na percepção da realidade. Contudo, além do senso comum, é essencial manter em perspectiva as interações geradas pelo uso de drogas, já que povos tradicionais faziam uso de substâncias psicoativas em contextos religiosos e festivos. Mesmo sendo utilizadas em diferentes contextos por esses povos, essas substâncias foram, com o tempo, associadas a cenários controversos, influenciados por questões políticas e sociais (Souza; Calvete, 2017). Com a chegada dos europeus às Américas, a folha de coca, antes considerada sagrada, passou a ser utilizada como moeda de troca. As Cruzadas facilitaram o contato dos europeus com várias especiarias, incluindo substâncias psicoativas, o que influenciou a exploração de novos continentes. A partir de então, os europeus começaram a navegar pelos mares para trazer essas drogas para a Europa. América e Oriente passaram a integrar o mundo moderno como fornecedores de riquezas vegetais, enquanto as empreitadas coloniais visavam regulamentar o consumo dessas plantas. Um exemplo disso foi o tabaco, que era traficado pelos jesuítas (Achselrad, 2015).

É importante destacar que o controle da circulação desses produtos ao longo do tempo esteve diretamente ligado a interesses econômicos, políticos, culturais e morais, uma vez que as características fenotípicas dos usuários eram (e ainda são) frequentemente alvo de



preconceito (Carlini 2006; Lessmann, 2020). Dessa maneira, a construção histórica do comércio de substâncias valiosas desde a Antiguidade acentuou ainda mais as divisões entre as classes sociais. Além disso, o proibicionismo, conforme argumentado por Carneiro (2018), aumenta a importância das drogas na economia e intensifica a violência ao favorecer o mercado ilegal.

A atual guerra às drogas é moldada por antigos conflitos relacionados a essas substâncias e por políticas públicas que impuseram a proibição do uso. Com base em políticas de abstinência, o proibicionismo nos Estados Unidos resultou no encarceramento em massa de jovens negros. No Brasil, o discurso de combate às drogas tem sido utilizado há décadas como justificativa para a eliminação de populações marginalizadas (Preussler, 2018). Nesse contexto, a RD se destaca ao propor que o foco seja a redução da vulnerabilidade que torna os jovens mais suscetíveis ao uso prejudicial de drogas, ao invés de determinar quais comportamentos devem ou não adotar. A partir desse princípio, preserva-se a liberdade individual, enquanto a hegemonia das metodologias baseadas na abstinência é questionada como a única política preventiva (Machado; Boarini, 2013). Por este motivo, o presente trabalho tem por objetivo investigar a abordagem sobre drogas presente em dois vídeos disponibilizados no *YouTube*, bem como relacionar sua implementação/execução com as possíveis consequências ambientais e de saúde da população.

2 METODOLOGIA

Para alcançar uma compreensão efetiva da mensagem de um filme e cumprir os objetivos deste estudo, a fundamentação teórica foi construída a partir de técnicas de análise fílmica, permitindo que, ao decompor um vídeo, pudéssemos interpretá-lo com clareza. Segundo Porto (2003), as disputas ideológicas consideram o receptor como um agente ativo na interpretação dos conteúdos midiáticos. Dessa forma, dado que o consumo de mídia é uma prática que gera significado, podendo ser aceito, negociado ou rejeitado, produtos considerados 'de massa' ou 'alienados' podem ter seus significados reinterpretados (Hall, 2003).

Vanoye e Goliot-Lété (2016) explicam que a análise de um filme começa por um exame técnico, que envolve dividir a obra em segmentos menores. Essa decomposição é um passo essencial, conhecido como desconstrução, que corresponde à descrição do vídeo. Em seguida, ocorre a reconstrução, onde a interpretação do analista é aplicada para compor o sentido do filme. Embora a desconstrução seja vital para a análise, Aumont e Marie (2010) afirmam que não existe um método universal para a análise de filmes, uma vez que todos os elementos do filme podem servir como fontes de significado. Assim, a fase de reconstrução mencionada por Vanoye e Goliot-Lété será orientada pelos objetivos específicos do analista.

Para formular essa reconstrução, Guimarães (2010) sugere duas abordagens interpretativas que compõem a análise: os olhares interno e externo. De acordo com o autor, o olhar interno se foca nos recursos intrínsecos da obra para a análise, examinando cada um dos seus elementos de composição. Em contraste, o olhar externo traz à tona significados adicionais, utilizando conhecimentos de outras áreas do saber que possam ser relacionados ao conteúdo do filme ou à formação do analista. Embora o olhar externo possa enriquecer a análise, trazendo à luz várias questões sociais transmitidas pelo cinema, ele, por si só, não é suficiente para ampliar o conhecimento cinematográfico.



Desde seu lançamento há 19 anos, o *YouTube* tornou-se uma peça-chave na cultura contemporânea, funcionando como uma imensa biblioteca audiovisual que facilita a disseminação de conteúdos variados. Embora seu objetivo inicial fosse simplificar a distribuição de vídeos e a troca de informações entre os usuários, seu uso foi adaptado para atender às demandas sociais emergentes (Burgess; Green, 2009). Cavalcante Filho e Torga (2011) discutem a compreensão da linguagem como discurso, ressaltando que ela não pode ser separada de seus falantes, atos e das esferas sociais que os moldam. Assim, a estética de uma obra é escolhida para reforçar essas diferentes perspectivas discursivas – decisões conscientes já mencionadas.

Este trabalho resulta da dissertação da primeira autora, que examinou vídeos sobre maconha e cocaína no *YouTube*, buscando relacionar as abordagens sobre drogas nesses vídeos com o que os documentos curriculares oficiais de educação propõem sobre o assunto. Após realizar buscas na plataforma utilizando termos como maconha, cocaína, redução de danos, proibicionismo e legalização, os resultados foram filtrados com base no número de visualizações, duração dos vídeos, além da exclusão de vídeos musicais, humorísticos, duplicados, em língua estrangeira e tutoriais (como ‘como fazer um baseado’). Por fim, a dissertação analisou seis vídeos para cumprir seu objetivo. Dentre os seis, dois continham características que permitiam uma discussão sobre o tema sob uma ótica ambiental e política, dando origem a este trabalho. Este estudo, portanto, relaciona as políticas retratadas nos vídeos com as consequências ambientais e para a saúde pública. Houve uma preocupação em relação ao algoritmo do site, que poderia exibir vídeos diferentes dependendo da conta ou do computador utilizado, mas foi observado que ao realizar a busca com diferentes contas e em modo anônimo, os dez primeiros vídeos exibidos permaneceram consistentes após a aplicação dos filtros.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Vídeo 1

O primeiro vídeo, intitulado “Produção de coca na Bolívia”, é do canal do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) no *YouTube*. Com mais de 1,5 milhão de visualizações e 13 mil curtidas ao longo de 10 anos, o vídeo é um trecho de um documentário produzido pelo programa Conexão Repórter, da emissora, intitulado “O mapa da destruição”. Durante sua exibição, que durou pouco mais de uma década, o programa jornalístico, comandado por Roberto Cabrini, se destacou por sua abordagem investigativa sobre temas diversos e intrigantes, incluindo as drogas, que foram um dos tópicos recorrentes nas cinco temporadas do programa.

O trecho específico do programa começa com imagens de pessoas circulando em um aeroporto, sugerindo a jornada da equipe até o destino da reportagem e uma das maneiras pelas quais a substância é transportada. Cenas de um avião durante o embarque e de uma praia são seguidas por um mapa que marca a Colômbia, indicando o local da viagem e sugerindo que a cidade de desembarque é costeira. A narração de Roberto Cabrini, que não aparece no vídeo, guia o espectador ao longo da jornada, informando que o destino é Tumaco, na Colômbia. Imagens das praias e de crianças brincando criam uma atmosfera de lazer que logo será contrastada. A movimentação intensa da cidade é mostrada por meio de cenas de táxis, motos



e carros policiais em um trânsito caótico. Desde o início da reportagem, uma música de suspense permeia o vídeo, mantendo o espectador em estado de alerta – característica típica de programas investigativos, similar ao que era visto na versão original de Linha Direta.

Por ser um ponto de saída para o México, Equador, Peru e Panamá, Tumaco é alvo constante dos narcotraficantes, tornando-se, assim, o foco da reportagem. Para chegar a uma plantação clandestina de coca, a equipe passou quatro horas negociando com um morador local, conhecido como Walter Cabeças. Nesse momento, o rosto de Walter é mostrado em seu barco, com a imagem sendo congelada e convertida para preto e branco, destacando sua importância no contexto.

Durante a viagem de barco, o repórter menciona o risco de ataques de diferentes grupos, enquanto a câmera captura helicópteros sobrevoando a região e barcos tripulados por homens uniformizados ou armados, mas sem uniforme específico. Forças das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), grupos paramilitares e narcotraficantes parecem estar sempre vigiando. Os complexos conflitos armados colombianos não são detalhados na reportagem, que não menciona as alianças e rupturas entre esses grupos e o governo colombiano ao longo do tempo. No entanto, como tanto as FARC quanto os paramilitares financiam sua luta política através do tráfico de drogas, o vídeo enfatiza a constante ameaça que cerca a travessia da equipe. Um dos homens chega a entrar em um pequeno confronto com o barco da equipe, ilustrando a tensão do percurso.

A trilha sonora de suspense se intensifica, sugerindo que algo mais grave pode acontecer a seguir – mesmo sem que o vídeo apresente cenas explicitamente fortes. Ao desembarcarem, o repórter afirma “Já estamos a caminho da droga”, embora o destino seja uma plantação de coca, não uma refinaria. A equipe está indo visitar a planta, que passa por vários processos antes de se transformar na pasta base, matéria-prima da droga. Comentários como esse, feitos com um tom autoritário e intimidador, juntamente com a música de fundo, provocam uma sensação de urgência que pode ser exagerada. Walter descreve a plantação como a “que causa problemas ao mundo, a crise do governo”, mas também como a “que permite que levem seus filhos à escola”, pois é o meio de sustento dos moradores locais. Para eles, trata-se apenas de uma planta, já que essa é a fase da produção à qual eles têm acesso.

A seguir, a imagem de uma janela de avião, seguida por um mapa destacando a Bolívia, indica que a equipe continuará sua jornada em outro local. Na Bolívia, o consumo da folha de coca é permitido para o preparo de chás ou para mascar, e a reportagem mostra as folhas sendo vendidas em mercados comuns, ao lado de outros produtos. Este é o único momento em que o repórter não associa a planta ao crime, explicando que o chá ajuda a aliviar os efeitos da altitude e que mascar as folhas ajuda a disfarçar a fome. Nesse trecho, o histórico da substância é deixado de lado e percebe-se um tom de empatia nas pausas do repórter. Imagens de mulheres com bebês carregados nas costas e mulheres trabalhando com o que parecem ser espigas de milho contrastam com as falas do repórter, sugerindo que, mesmo em uma região onde se trabalha com alimentos como o milho, a escassez pode ser um problema, especialmente quando há crianças para alimentar.

Em Chapare, na Bolívia, a equipe visita o Mercado Primário de Coca, onde homens, mulheres e crianças trabalham manuseando grandes volumes de folhas para ensacá-las. As cenas mostram um amplo galpão, onde os sacos são preenchidos e pesados. A todo momento, carros chegam com novos carregamentos para o mercado, e o repórter menciona que os



trabalhadores aproveitam o fato de que o consumo local é permitido para desviar parte da produção para o narcotráfico. A presença da equipe de filmagem incomoda os trabalhadores, que acabam expulsando-os do mercado. Durante todo o vídeo, a música de suspense continua tocando, e cenas congeladas em preto e branco são usadas para acentuar o impacto, como a imagem da porta do mercado quando a equipe é expulsa.

Em seguida, a equipe acompanha a polícia até uma plantação próxima, que abastece o mercado. Ao seguir uma denúncia, eles descobrem uma fábrica clandestina abandonada no meio da mata, onde as folhas eram refinadas. As imagens mostram diversos barris na floresta, enquanto os policiais explicam o processo de transformação da folha em pasta, já que a denúncia não resultou em prisões. Para destruir qualquer vestígio da refinaria clandestina, os policiais incendiam a mata, e o trecho termina com essa cena. Observa-se que, devido à localização remota da refinaria e à destruição por fogo, não houve preocupação com as questões ambientais – e o problema permanece sem solução, pois não houve apreensões. Tanto a Colômbia quanto a Bolívia têm um histórico significativo com o narcotráfico, sendo a Colômbia o berço do notório Pablo Escobar. Nos anos 1990, a produção de coca era alta em ambos os países, mas na década seguinte, enquanto o cultivo aumentou na Colômbia, diminuiu na Bolívia. A importância desses dois países no fornecimento mundial de cocaína justifica sua escolha como foco da reportagem, bem como a presença de elementos estéticos que direcionam o pensamento do espectador para a polêmica.

3.2 Vídeo 2

O segundo vídeo, intitulado “Como a cocaína reage no corpo humano? – Que Droga é essa? #06”, foi publicado pelo canal Justificando em 2019. Com mais de 600 mil visualizações e 25 mil curtidas, o vídeo de aproximadamente 19 minutos é narrado pelo psicólogo Gabriel Pedroza e faz parte de uma série que explora diferentes drogas, chamada “Que Droga é essa?”. A estética do vídeo é marcada por cores vibrantes que evocam um ambiente psicodélico, remetendo às experiências alteradas de consciência que as substâncias psicoativas podem provocar. A abertura do quadro combina essas cores com elementos visuais em movimento, como um aerossol sendo espirrado, uma seringa em ação, e uma folha de maconha, tudo ao som de uma música instrumental que lembra trilhas de programas de entrevistas com bandas ao vivo (como no Programa do Jô ou Lady Night).

Após essa abertura, um aviso em fundo preto com letras vermelhas e amarelas aparece, informando que o conteúdo é destinado à educação sobre drogas e à redução de danos, deixando claro o objetivo pedagógico da produção. Este aviso serve para proteger o canal de qualquer acusação de incentivo ao uso de drogas. Na sequência, o narrador aparece diante de um fundo verde, que permite a inserção de efeitos visuais variados durante a edição. No entanto, ao longo do vídeo, o fundo se mantém em uma paleta de cores psicodélicas, variando apenas em tonalidades neon e intensas. Enquanto Gabriel narra, imagens ilustrativas são exibidas na tela, como quando ele menciona a planta de coca, e aparecem imagens da planta, ajudando a dissociar a cocaína do simples pó branco e destacando outros usos da folha. A produção demonstra cuidado ao abordar termos químicos complexos, que são explicados de forma acessível ao público.



Ao longo do vídeo, Gabriel menciona produtos históricos que continham coca em sua fórmula e que se tornaram populares, como um vinho apreciado pelo papa e pela realeza da época. Ele faz um paralelo com as propagandas modernas de bebidas alcoólicas, que frequentemente utilizam celebridades para promover o consumo, exemplificado por comerciais de cerveja com Ronaldo Fenômeno e Sandy. Apesar de essa referência ser de alguns anos atrás, em 2024, a estratégia de usar figuras públicas para promover produtos controversos, como jogos de aposta, continua em alta, envolvendo nomes como Neymar, Jojo Toddynho e outros influenciadores.

O vídeo explora a história do proibicionismo, destacando que a repressão ao uso da cocaína começou nos Estados Unidos no início do século XX. Gabriel observa que, à medida que os Estados Unidos se tornaram uma potência econômica, também influenciaram outros países a seguir suas políticas, como foi o caso da Lei Seca. Ele também aborda o surgimento do crack, uma forma mais barata de cocaína que ganhou popularidade entre comunidades carentes e moradores de rua nos centros urbanos dos EUA no final do século XX. O vídeo explica as diferenças químicas entre o crack e o pó de cocaína, ressaltando como a acessibilidade a essas substâncias varia conforme as classes sociais. Séries como “Breaking Bad” e “Rainha do Sul” são citadas como representações da realidade de um mercado segmentado, onde drogas mais puras são destinadas a consumidores de alto nível.

Na parte final do vídeo, Gabriel conecta a discussão à temática da redução de danos (RD), enfatizando que o uso problemático de drogas não deve ser avaliado isoladamente, mas sim no contexto do usuário e sua rotina. Ele aborda a RD de forma direta, sugerindo práticas para minimizar os riscos associados ao consumo de drogas. A formação de Gabriel como psicólogo contribui para a transmissão dessa mensagem, embora não seja necessário ser da área da saúde para defender essa abordagem.

Antes de encerrar o vídeo, aparece uma cena do rapper Snoop Dogg dançando com dois sacos que parecem conter maconha, uma droga que não é o foco do vídeo. A intenção parece ser encerrar o conteúdo de maneira leve e humorada, utilizando uma figura que sempre falou abertamente sobre o tema. No entanto, a escolha de Snoop Dogg, um artista conhecido pelo uso de drogas e com histórico de prisão por porte de cocaína, pode reforçar estereótipos que o próprio vídeo tenta evitar. Embora o vídeo tenha como objetivo principal explicar os efeitos da cocaína no corpo, o conteúdo acaba abordando de forma mais ampla a sensibilização para a redução de danos, utilizando argumentos tanto sociais quanto científicos.

3.3 O ENCONTRO DAS POLÍTICAS DE DROGAS, SAÚDE E MEIO AMBIENTE A PARTIR DOS VÍDEOS

O mercado que gira em torno da cocaína, assim como o de outras substâncias psicoativas, depende diretamente do fornecimento de insumos pelo meio ambiente. De forma análoga aos alimentos, que devem ser plantados para abastecer a alimentação da população, é necessário que haja o cultivo da espécie *Erythroxylum coca* para que a produção da droga seja possível. Entretanto, mesmo que a matéria-prima de ambos venha do solo, a ilegalidade da *E. coca* em muitos países faz com que seu cultivo não siga normas ambientais (Souza, 2018).

As políticas públicas relacionadas às drogas em grande parte dos países têm como base os pilares do proibicionismo, deixando usuários à margem da sociedade, sem acesso,



principalmente, à saúde. A crescente repressão, que incentiva a abstinência e é instaurada e influenciada por aspectos morais de governantes, não tem preocupação com o corpo do usuário. Apesar de ser vendida como uma política de “pôr fim às drogas”, as estatísticas mostram que o efeito é o oposto, uma vez que não respeita tempo dos processos biológicos que levam à desintoxicação (bem como acompanhamento às possíveis recaídas), tornando a questão um problema de saúde pública (Preussler, 2018; Hart, 2014).

O vídeo 1, de forma implícita, aponta para uma obra mais próxima à abordagem proibicionista. A transmissão em TV aberta e em dado canal também justifica uma postura conservadora, já que o SBT é um canal que adota essa postura. Diversos momentos do vídeo contribuem para essa conclusão, já que a obra cria um cenário polêmico em torno do cultivo. Embora as falas de alguns moradores da região transmitam certa humanização no que diz respeito a essa forma de trabalho ser uma das únicas oportunidades de sustento dessas pessoas, a escolha da trilha sonora, o tom de voz e a entonação do jornalista criam um ambiente que, mesmo que haja transmissão de informação sobre aquela realidade e explicação de alguns efeitos fisiológicos da planta *in natura*, torna subentendido que há parcialidade ali.

A contraposição entre os cenários de praia, que remetem ao lazer, e as cenas de trânsito caótico ao explicar os motivos da cidade ser interessante aos narcotraficantes induzem à conclusão de que é essa atividade que prejudica a cidade, afastando-a do seu potencial turístico, por exemplo – já que é de localidade litorânea. A representação da “expulsão” do mercado da coca coloca os trabalhadores numa posição de “vilões” ao impedirem a continuação da reportagem naquele local. Tais momentos, bem como presença da polícia no fim do vídeo indo até um local para combater a produção clandestina, apontam indiretamente para uma postura mais afeita ao proibicionismo.

Os países visitados na reportagem possuem posturas opostas em relação ao cultivo da planta. Enquanto na Colômbia a plantação não é permitida, na Bolívia o plantio é legal devido ao mercado da folha de coca, que é tradicional. Em ambos os casos, o cultivo é uma fonte de renda essencial para os moradores da região, mas a ilegalidade e a política proibicionista os afeta em diversas camadas. Na visita à Colômbia, pôde-se observar o controle constante das vias aquáticas por diversos grupos com interesses antagônicos. Além de viverem sempre à margem de um possível conflito, o abastecimento do narcotráfico estimula os conflitos em outros países, bem como as consequências que usuários sofrem. As vias de trânsito aquáticas, utilizadas para a movimentação da matéria prima, também são afetadas, já que a maior presença de veículos circulantes as submete à maior poluição.

Na visita à Bolívia, embora o consumo da folha seja legalizado e tenha um papel fisiológico importante na vida da população, o deslocamento de parte dessa mercadoria para abastecer o narcotráfico traz consequências. Um relato ainda mais alarmante mostrado no vídeo foi a denúncia de uma refinaria clandestina no meio da floresta. Ao transformar a folha de coca em pasta base para a fabricação do pó, esses ‘acampamentos itinerantes’ utilizam produtos químicos que, no caso representado de uma produção no meio da floresta, pode resultar na contaminação do solo e de animais. O registro do acompanhamento desta denúncia ainda aponta outro agravante: a forma com que os policiais conduziram o possível flagrante. Quando chegaram no local e não havia ninguém que pudesse ser preso, os agentes deram uma rápida explicação do processo para o documentário e, em seguida, atearam fogo em tudo, sem se preocupar com o local onde estavam. Uma queimada em meio à mata fechada, um local que



deveria consumir carbono, contribuindo para aumentar a emissão, na presença de produtos químicos, afetando o ar, solo e seres vivos no entorno.

O vídeo 2, por sua vez, não só apresenta abordagem mais próxima da RD, como menciona diretamente a abordagem. Todos os apontamentos feitos pelo psicólogo conversam com a prática da RD, desde a informação do uso da planta em rituais por povos antigos e em bebidas vendidas antigamente, até a conclusão de que a guerra às drogas não produz resultados (após a discussão da não diminuição de usuários mesmo com o aumento do número de apreensões). A diferenciação de substâncias como a cocaína em pó e o crack, tanto na explicação química da produção quanto na explicação dos efeitos de cada uma no corpo, reforçam a necessidade de não tratar as drogas como se fossem todas iguais.

Uma importante discussão trazida pelo psicólogo diz respeito à relação entre a ilegalidade e qualidade do produto, que afeta diretamente a saúde do usuário. Ao sofrer modificações para baratear a produção da droga, substâncias tóxicas podem ser adicionadas ao produto, impactando de forma negativa o corpo do usuário e agravando o ainda mais o efeito da substância. E, nitidamente, classes de menor poder aquisitivo darão preferência ao produto mais barato, o que torna a discussão da ilegalidade também de cunho social e agrava o problema de saúde pública.

Essa desigualdade de acesso a produtos de qualidade reflete-se em todas as camadas da sociedade, incluindo a alimentação. Nos últimos anos, tem-se observado um aumento no consumo de alimentos industrializados entre populações de baixa renda. Esses alimentos, ricos em açúcar e pobres em nutrientes, acabam sendo mais acessíveis do que frutas e vegetais, cujo custo de produção, principalmente pela agricultura familiar, é mais elevado. Esse fenômeno, muitas vezes referido como “nutricídio,” destaca a falta de acesso a alimentos saudáveis, resultando em uma dieta inadequada para a população de baixa renda – majoritariamente composta por pessoas negras e periféricas. Esse cenário é agravado por denúncias, como a recente acusação contra a Nestlé, que teria adicionado níveis excessivos de açúcar em alimentos para bebês nos países “considerados pobres”, como aqueles da África, Ásia e América Latina (Public Eye, 2024).

Nesse contexto, a qualidade dos produtos disponíveis é diretamente influenciada pela classe social, e indivíduos de classes mais baixas frequentemente recebem mercadorias de menor qualidade. Isso se aplica até mesmo a produtos alimentícios, onde, mesmo pessoas com maior poder aquisitivo em países pobres acabam consumindo itens nutricionalmente inferiores. No que diz respeito ao consumo de drogas, embora o vício esteja frequentemente associado às populações de baixa renda e aos moradores de rua, há também muitos usuários de alta renda. Casos como os de Vera Fischer, Fábio Assunção e até Elon Musk, que já compartilharam suas experiências com a cocaína, ilustram essa realidade.

4 CONCLUSÃO

Ao adentrar quaisquer debates relacionados à vida em sociedade, percebe-se que não se discute nenhuma instância de maneira isolada. Sempre uma área se relaciona com/depende de/é consequência de outra área. Quando surge o debate sobre drogas na sociedade, é impossível não enveredar sobre suas consequências na saúde da população, sobre a necessidade de uma educação sobre drogas mais consciente, sobre as consequências das ações



de combate ao uso, sobre o impacto ambiental, sobre o sistema psiquiátrico, entre outros. Atualmente, as políticas focadas no combate ao uso e na abstinência apresentam consequências diretas e indiretas em inúmeros setores.

A sobrecarga da saúde pública talvez seja a consequência mais evidente desse projeto, que é fadado ao fracasso, já que ao invés de combater o uso de drogas, estimula conflitos relacionados a substâncias ilícitas, chamados de guerra às drogas. Entretanto, relações indiretas também podem ser observadas nesse cenário. Uma vez que a proibição de uma substância fomenta o mercado paralelo e estimula condições insalubres que contornam esse fenômeno, pode-se compreender como o esse cenário afeta o meio ambiente. A falta de regulamentação culmina em plantações sem cuidado com o meio, no descarte inadequado de substâncias, na contaminação do ecossistema com produtos químicos envolvidos no processo, falta de qualidade de um produto (que é frequentemente adulterado), etc.

É importante ressaltar que substâncias psicoativas precisam ser tratadas individualmente, uma vez que cada uma possui particularidades fisiológicas e não é possível defender a mesma forma de tratamento para todas. Por isso, aqui não se faz uma simples defesa de legalização, porque esse debate não é o foco do estudo e tampouco é uma discussão superficial. Entretanto, a crítica deste trabalho é diretamente ao impacto que a falta de regulamentação causa na sociedade, uma vez que tais substâncias continuam circulando 'livremente' entre a população e os impactos sociais e ambientais se agravam cada vez mais.

5 REFERÊNCIAS

ACSELRAD, G. **Quem tem medo de falar sobre drogas? Falar mais para se proteger**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2015.

ARROIO, A.; GIORDAN, M. **O vídeo educativo: aspectos da organização do ensino**. Química Nova na Escola, n. 24, 2006. Disponível em: <http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc24/eqm1.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2024.

AUMONT, J.; MARIE, M. **A análise do filme**. Lisboa: Texto e Grafia, 2010.

BURGUESS, J; GREEN, J. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009.

CARLINI, E. A. **A história da maconha no Brasil**. São Paulo, 2006.

CARNEIRO, H. **Drogas – a história do proibicionismo**. Autonomia Literária, 2018.

CAVALCANTI, L. P. DE L.; OLIVEIRA, F. M. de; FONSECA, R. M. A. M.; GALLASSI, A. D. Estudantes que usam drogas: como professores lidam e pensam sobre eles. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, p. e258761, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/DLrFhR8JvqfbHzDGyypsMJ/>. Acesso em: 16 ago. 24.

GUIMARÃES, R. L. D. **A dramaturgia como ferramenta de análise fílmica**. 2011. 233 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação, Salvador, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/4754/1/Roberto-Duarte-A-dramaturgia-como-ferramenta-de-analise-filmica-tese.pdf>. Acesso em: 16 ago. 24.

HALL, S. **Codificação/Decodificação**. In: SOVIK, L. (Org.). Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003. pp.387-404.

HART, C. **Um preço muito alto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.



MACHADO, L. V.; BOARINI, M. L. **Políticas sobre drogas no Brasil: a estratégia de redução de danos.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 33, n. 3, 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/xvTC3vVCqjDNYw7XsPhFkFR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 24.

ODIN, R. A linguagem cinematográfica como linguagem cotidiana. **Rumores**, v. 15, n. 30, 2017. Disponível em:

<https://revistas.usp.br/Rumores/article/view/190295>. Acesso em: 16 ago. 2024.

PEREIRA, M. V. da S. **Produção e recepção de vídeos por estudantes de ensino médio: estratégia de trabalho no laboratório de física.** Rio de Janeiro, 2013. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Saúde), Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/326636182_Producao_e_recepcao_de_videos_por_estudantes_de_ensino_medio_estrategia_de_trabalho_no_laboratorio_de_fisica. Acesso em: 16 ago. 2024

PORTO, M. P. A pesquisa sobre a recepção e os efeitos da mídia: propondo um enfoque integrado. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. INTERCOM, Belo Horizonte, MG. **Anais...** 2-6, set. 2003. Disponível em:

http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP01_porto.pdf. Acesso em: 16 ago. 24.

PREUSSLER, G. D. S. Resenha: A nova segregação - Michelle Alexander. **Argumenta Revista Jurídica**, n. 29, 2018.

Disponível em: <https://seer.uenp.edu.br/index.php/argumenta/article/view/405/pdf>. Acesso em: 16 ago. 24.

PUBLIC EYE. **How Nestlé gets children hooked on sugar in lower-income countries.** 2024. Disponível em:

<https://www.publiceye.ch/en/publications/detail/how-nestle-gets-children-hooked-on-sugar-in-lower-income-countries>. Acesso em: 16 ago. 2024.

SOUZA, N. M. de. **O impacto ambiental causado pela plantação de coca na tríplice fronteira amazônica Peru, Brasil e Colômbia (2010-2018).** Sant'Ana do Livramento, 2018. Monografia (Bacharel em Relações Internacionais).

Universidade Federal do Pampa, Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.unipampa.edu.br/handle/riu/3781>. Acesso em: 16 ago. 2024.

SOUZA, T. S. DE; CALVETE, C. DA S. História e formação do mercado das drogas. In: XII Congresso Brasileiro de

História Econômica & 13ª Conferência Internacional de História de Empresas. **Anais...** Niterói, 2017. Disponível em:

<https://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE%202017/10%20Hist%C3%B3ria%20e%20forma%C3%A7%C3%A3o%20do%20mercado%20das%20drogas.pdf>. Acesso em: 16 ago. 24.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica.** Campinas: Papyrus, 2012.